



FITONÍMIA NHEENGATU DE PLANTAS UTILIZADAS NO TRATAMENTO DA MALÁRIA NO ALTO RIO NEGRO – AMAZÔNIA BRASILEIRA

NHEENGATU PHYTONYMS OF PLANTS USED IN THE TREATMENT OF MALARIA IN ALTO RIO NEGRO - BRAZILIAN AMAZON

Carolina Weber KFFURI^{1*}; Marcel Twardowsky AVILA²; Lin Chau MING¹; Valdely Ferreira KINUPP³; Ari de Freitas HIDALGO⁴

1-Universidade Estadual Paulista. Departamento de Horticultura. Botucatu, SP-Brasil. *autor para correspondência: carolkffuri@gmail.com; 2- Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, SP-Brasil.; 3- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus-Zona Leste, Manaus, AM - Brasil.; 4- Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Agronomia, Manaus, AM-Brasil.

Submitted: 28/01/2020; Accepted: 14/04/2020

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o estudo da fitonímia das plantas antimaláricas em Nheengatu por indígenas do Alto rio Negro e verificar se há, no estudo dos fitônimos, informações sobre suas propriedades medicinais ou de princípios ativos. Foram entrevistadas 43 pessoas em quatro comunidades indígenas. Foram analisados 22 fitônimos, pertencentes a 19 espécies, a maioria nativa do domínio fitogeográfico da Amazônia. Os fitônimos foram divididos em quatro grupos: utilidade para o ser humano; utilidade para animais; características morfológicas da planta e de hábitat; mitos. Observou-se que a maioria das plantas é identificada por suas características morfológicas e de utilidade para o homem. A pesquisa demonstra que os fitônimos não possuem significados relevantes relacionados ao uso medicinal.

PALAVRAS-CHAVE: línguas indígenas brasileiras, nomes populares, *Aspidosperma*, povos indígenas, biodiversidade cultural

ABSTRACT

The aim of this work is the phytonymic study of the antimalarial plants in Nheengatu by indigenous people of the Upper Rio Negro and to check for, in the phytonames, information related to malaria, its medicinal properties or active ingredients. Forty-three people were interviewed in four indigenous communities. Twenty-two phytonames, belonging to 19 species were analyzed, most of them native to the Amazonia phytogeographical area. Phytonames were divided into four groups: usefulness to humans; animal use; morphological characteristics of plants and habitat; myths. It was observed that most of the plants are identified by their morphological characteristics and usefulness to men. Research shows that phytonames have no relevant meanings related to medicinal use.

KEYWORDS: Brazilian indigenous languages, common names, *Aspidosperma*, indigenous people, cultural biodiversity

INTRODUÇÃO

No planeta são faladas aproximadamente 7.000 línguas, distribuídas geograficamente de modo desigual. A Pan-Amazônia, que representa 44,5% da América do Sul, possui a maior densidade linguística do continente. Forma um mosaico de línguas, que indica um passado de movimentos migratórios intensos. O Censo 2010, baseado na autodeclaração dos falantes, registra 274 línguas indígenas, pertencentes a 52 famílias linguísticas, faladas por 305 etnias (IBGE, 2010). ISA (2020) e Moore et al. (2008) registraram cerca de 150 línguas indígenas no Brasil com diferentes relações de semelhança, o que sugere origens comuns e processos particulares de diversificação. São divididas em dois grandes troncos – Tupi e Macro-Jê – e mais 19 famílias linguísticas que não apresentam semelhança suficiente para serem agrupadas em troncos e outras famílias de apenas uma língua.

As comunidades linguísticas são demograficamente frágeis nesta região, onde se verifica uma das menores populações por língua. Nenhuma delas possui mais de 40.000 falantes, apenas cinco são faladas por mais de 10 mil indivíduos e aproximadamente 50 línguas são usadas por menos de 100 pessoas (FREIRE, 2003). Moore et al. (2008) comentam que 21% das línguas indígenas do Brasil estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao número reduzido de falantes e à baixa

taxa de transmissão para as novas gerações, sendo que os linguistas preveem o desaparecimento de 50% a 90% das línguas faladas no mundo até o final deste século (GORENFLO, 2012).

No Alto rio Negro existe grande riqueza cultural e linguística, sendo faladas atualmente mais de 20 línguas de seis grandes famílias: Tukano oriental, Aruak, Nadahup (Maku) e Yanomami, além de Tupi-Guarani, família da Língua Geral Amazônica, e a família românica do tronco indo-europeu, à qual pertence o idioma português e espanhol, totalizando a presença de seis famílias linguísticas, não pertencentes a um mesmo tronco.

A ocorrência entre diversidade linguística e diversidade biológica foi apontada por Gorenfloet al. (2012), cujos resultados indicam que *hotspots* de biodiversidade (MYERS et al., 2000), que são áreas que abrigam significativa diversidade de espécies, com alto grau de endemismo e que estão sob ameaça, contêm frequentemente diversidade linguística considerável. Além disso, as línguas envolvidas são frequentemente endêmicas e apresentam alta taxa de extinção.

Mas por que se preocupar com a morte de uma língua? Eberhard (2013) relacionou cinco eventos relacionados à morte de uma língua indígena no Brasil. Três delas são especificamente importantes neste contexto: 1) perda de uma cosmovisão única; 2) perda de identidade histórica; e 3) perda de um vocabulário rico em domínios de conhecimento cultural, incluindo conhecimentos medicinais e biológicos, de flora e fauna. A denominação das plantas inclui tanto aspectos da cosmovisão, da história da língua e do domínio cultural e biológico.

Os seres humanos têm buscado denominações para as plantas, começando por aquelas que eram mais conhecidas por suas propriedades benéficas ou prejudiciais. Assim, formou-se um acervo de nomes de plantas com alusões aos aspectos morfológicos, espaços geográficos, enfermidades, sintomas, crenças mágico-religiosas, entre outras (XIRAU, 1996).

Os estudos de fitonímia (nomenclatura botânica) são complexos e multidisciplinares e podem ser ferramentas poderosas na recuperação do patrimônio cultural (XIRAU, op. cit.), na história do contato e das migrações dos povos (MESSINEO; CUNEO, 2011; AL AZAHARIA JAHN, 2005; BERNAL et al., 2007), da análise cognitiva dos povos e do seu entorno (SUÁREZ, 2010; MARTINEZ; CÚNEO, 2009; COSTA NETO, 2008), das religiões (CAMARGO, 1997), na análise ecológica e do manejo e dispersão de plantas (BALÉE; MOORE, 1991; ELORZA, 2013; SHEPARD JR.; RAMIREZ, 2011; AGUIAR; MENDONÇA, 2011), de nomes científicos (TRABANCO, 2009; 2012), no mapeamento linguístico e produção de dicionários (PARI, 2016; PORRAS, 2011), finalidade terapêutica (CAVALCANTE; FRIKEL, 1973; HARTMANN, 1967), entre outros.

A Língua Geral Amazônica (LGA) pertence ao tronco Tupi da família tupi-guarani e foi a principal na comunicação interna da Amazônia, ao longo de todo o período colonial e até mesmo nas primeiras décadas do século XIX (FREIRE, 2003). A LGA foi declarada língua oficial das missões da Amazônia e foi usada pelos índios de diferentes famílias linguísticas. A política de Portugal, até o final da década de 1720, foi de franco incentivo à expansão da LGA. Através da Carta Régia de 30 de novembro de 1689, Portugal reconheceu-a como língua oficial do Estado do Maranhão e Grão-Pará. Desta forma, com o incentivo oficial e através de métodos nada pacíficos, a LGA subiu o rio Amazonas e penetrou em seus afluentes, levada por missionários e colonos portugueses, alcançando, até mesmo, áreas da Amazônia atualmente ocupadas pela Venezuela, Colômbia e Peru, onde ficou conhecida como “*lenguayeral*”.

Durante os séculos XVII e XVIII a LGA expandiu-se em contato, com línguas indígenas tanto da família tupi como de outros troncos linguísticos (Aruak, Karib, Tukano e Pano) em contato com o português, com outras línguas europeias faladas nas regiões de fronteiras, como o espanhol, o holandês, o inglês e o francês e, finalmente, com línguas africanas. A LGA foi então classificada como uma língua supraétnica (FREIRE, 2003). Em 1757 o ensino da língua foi proibido pelo Marquês de Pombal, mas sua difusão continuou mesmo após tal proibição. No século XIX o português ganhou corpo como língua de comunicação interétnica (FREIRE, 2003).

A LGA continua sendo falada como língua materna de uma população de mais de 6.000 pessoas, restrita a uma área onde, originalmente, não existia nenhuma língua tupi – o rio Negro – em territórios do Brasil, Venezuela e Colômbia. Lá, tornou-se conhecida, a partir do século XIX, como “Nheengatu” (“fala boa”). O município de São Gabriel da Cachoeira é um dos últimos refúgios do idioma. Apesar de encontrar-se em situação melhor que a maioria das línguas indígenas do Brasil, os processos associados à cultura da globalização desestimula o seu uso pelos jovens (NAVARRO, 2012), levando ao risco da perda dos sistemas de classificação biológica, entre outros.

Os grupos indígenas do Alto rio Negro tiveram seus primeiros contatos intermitentes com os portugueses a partir de 1730. A partir de então, o rio Negro e seus principais afluentes foram sistematicamente explorados por militares e cientistas portugueses que registraram as epidemias de malária que periodicamente dizimavam as aldeias (BUCHILLET, 2002). O *boom* da borracha que atingiu o rio Negro de 1870 a 1920 inaugurou outro ciclo na dizimação dos índios pela malária. Em 1913, era difícil encontrar um único índio sem sinais de infecção palustre crônica. Em 1915 os missionários salesianos começaram a se instalar permanentemente na área e os surtos de malária (BUCHILLET, 2002). Mesmo com as campanhas nacionais de erradicação da malária iniciadas na década de 1950, continuou sendo constante na região (LOIOLA et al., 2002).

Em São Gabriel da Cachoeira (população de 39.097 habitantes) no ano de 2013 foram registrados 1.722 casos de malária notificados na área urbana, 3.356 casos notificados na área indígena e 226 casos em área de assentamentos, com prevalência de *Plasmodium vivax* (SIVEP, 2014).

O objetivo do presente trabalho é registrar os nomes dados às espécies de plantas citadas como antimaláricas na Língua Geral Amazônica (Nheengatu) por indígenas do Alto rio Negro e proceder ao estudo da fitonímia dessas plantas citadas e verificar se há, no estudo dos fitônimos, informações relacionadas às suas propriedades medicinais ou de princípios ativos.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

O Município de São Gabriel da Cachoeira localiza-se no extremo Noroeste do Estado do Amazonas, no interior da maior floresta tropical do planeta. Dista 852 km em linha reta de Manaus e 1.061 km pelo rio Negro (Fig. 1). A paisagem do Alto rio Negro compreende áreas extensas de relevo aplainado localizado no interflúvio Negro-Uaupés, tendo como principais feições as cordilheiras ou tepuis e morros isolados, além de uma grande planície (RIZZINI, 1979). A precipitação anual varia entre 2.500 a 3.000 mm. É uma das regiões mais úmidas e menos sazonais da Amazônia (SOMBROEK, 2001). Segundo Oliveira e Nelson (2001), duas características da vegetação do rio Negro merecem destaque: a alta biodiversidade em uma região de solos extremamente pobres e um grande número de espécies endêmicas.

A região do Alto rio Negro é considerada como uma grande área cultural, a do noroeste da Amazônia, devido aos intensos intercâmbios entre as etnias locais e similaridades na vida social e cultural. Na região vivem 23 etnias, falantes de aproximadamente 22 línguas pertencentes a seis famílias linguísticas: Tukano Oriental, Arawak, Nadahup (Maku), Ianomâmi, Tupi-Guarani (Tronco Tupi) e da família Românica (Tronco Indo-Europeu).

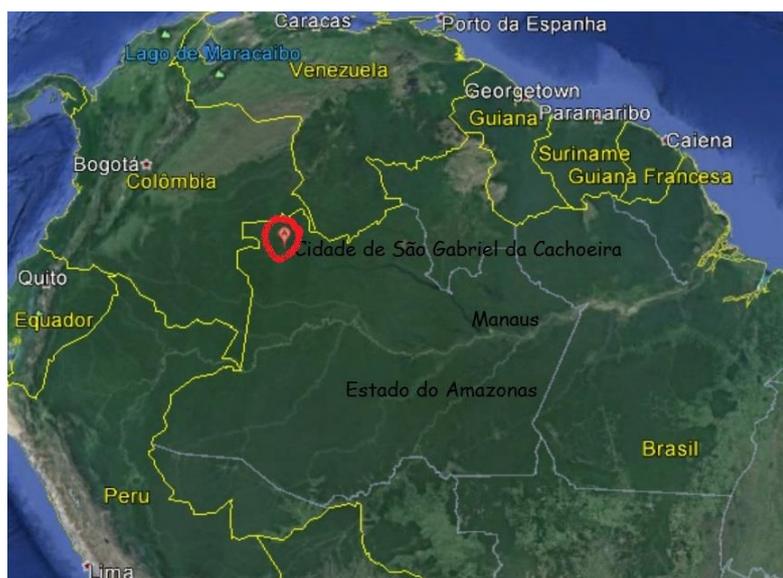


Figura 1. Área de estudo. Município de São Gabriel da Cachoeira-Amazonas.

Autorizações de pesquisa

Foram obtidas autorizações de pesquisa para o acesso ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético no Brasil, conforme a medida provisória 2.186-16 emitida pelo Conselho de Gestão

do Patrimônio Genético (CGEN) (protocolo número 02000.001373/2010-110), incluindo a autorização da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Fundação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e três associações indígenas locais. Todos os moradores das comunidades estudadas deram seu consentimento. A pesquisa começou após o recebimento das autorizações, que levaram três anos.

Coleta e análise de dados

Foram entrevistadas 43 pessoas em quatro comunidades indígenas: Tapira Ponta, no rio Uaupés; Ilha das Flores, na confluência do rio Uaupés com o rio Negro; Curicuriari, na confluência entre o rio Curicuriari; e Negro e São Jorge, no rio Curicuriari (Fig. 2). Os participantes da pesquisa foram questionados sobre as plantas que conheciam e utilizavam no tratamento da malária (KFFURI et al., 2016) e que tivessem nome em Nheengatu. A indicação das plantas foi feita a partir da listagem livre. Foram anotados os nomes das plantas em português e em Nheengatu. Os nomes foram gravados em gravador de voz digital. Solicitou-se aos entrevistados que repetissem a palavra de três a cinco vezes, e eram questionados sobre o significado e a origem da palavra. O nome da planta e o seu significado, quando citados, foram transcritos pelos entrevistados, quando esses sabiam escrever e, quando não, foram transcritos pelos próprios pesquisadores. Ao atribuir os nomes foram considerados os fitônimos que se constituem a partir de cristalizações de palavras do tupi antigo, os signos arbitrários que nomeiam a planta sem que haja entendimento das informações contidas no nome. Em outros casos os falantes atuais compreendem as palavras que formam o fitônimo e a relação gramatical entre elas, mas mesmo assim, quando questionadas sobre o sentido do nome, dizem não ter conhecimento a seu respeito. As palavras que foram consideradas signos arbitrários em Nheengatu foram também analisadas quanto a sua origem e seu significado e foram destacadas nas monografias com um asterisco. O nome em português citado nas monografias foi o nome dado pelos indígenas como sendo o nome em português. Não há padronização para escrita do Nheengatu, então optamos por escrever de forma que fosse mais fácil para leitura dos falantes de Nheengatu de acordo como pesquisador Antônio Neto da USP (comunicação pessoal).



Figura 2. Quatro comunidades estudadas: Tapira Ponta (rio Uaupés), Ilha das Flores (rio Negro), São Jorge e Curicuriari (rio Curicuriari).

Para a coleta do material botânico foram realizadas turnês-guiadas: os pesquisadores e o entrevistado caminhavam até a área de coleta das plantas, quando eram coletadas, fotografadas e herborizadas. As plantas foram identificadas pelos pesquisadores em campo e, posteriormente, com o auxílio de especialistas, quando necessário. Exsiccatas das espécies coletadas foram incluídas no

Herbário do IFAM – Campus Manaus-Zona Leste (Herbário EAFM) e receberam um número de registro.

A partir da análise dos fitônimos em Nheengatu puderam-se estabelecer classificações em categorias que ajudaram a orientar o estudo onomástico das plantas coletadas. Essas classificações não foram previamente estabelecidas, mas foram sendo de acordo com o resultado da análise dos fitônimos deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 22 fitônimos citados pelos entrevistados, pertencentes a 19 espécies (Tab. 1) e as plantas nomeadas foram identificadas em nível de espécie. A análise prévia mostrou que os fitônimos podem ser divididos em quatro grupos, de acordo com os diferentes tipos de informações que podem ser extraídos de suas nomenclaturas (Tab. 1): utilidade para o ser humano (alimento, remédio, instrumento); utilidade para animais (alimento, moradia, reprodução); características morfológicas da planta e de hábitat; mitos.

O processo de classificação das plantas nesses grupos indica outra separação metodológica muito importante nos estudos da fitonímia tupi/Nheengatu: uma primeira etapa constituída pelo estudo da etimologia onomástica e uma segunda que trata do estudo do sentido desses nomes. O primeiro é um estudo que se restringe ao campo linguístico: determinar as palavras que compõem o nome, seus significados em português e a relação “gramatical” entre estas palavras. A etimologia trata da origem da palavra e da explicação dos significados da palavra através da análise dos elementos que a constituem e a onomástica é o estudo dos nomes próprios. O segundo é um estudo que depende de outros tipos de conhecimentos sobre as plantas, que passam pela botânica e áreas afins e também pelo estudo das culturas humanas que participaram da formação dos nomes. Essas duas etapas não são completamente independentes, mas essa separação surgiu naturalmente ao longo deste estudo, já que foi notado que muitas vezes o conhecimento etimológico propriamente dito não leva diretamente a um conhecimento sobre o sentido, ou a origem, daquela nomenclatura. É importante ainda que se separe o sentido histórico do fitônimo, ou seja, aquele sentido que originalmente motivou a nomeação da planta, cujo acesso às vezes é muito difícil ao pesquisador, e o sentido que os falantes atuais da língua atribuem ao nome. Tanto o sentido original quanto o atual não precisam ser necessariamente únicos, de forma que seria melhor falar sobre sentidos originais e sentidos atuais.

A origem fitogeográfica das espécies analisadas foi a seguinte: 68,4% (13/19) são nativas do domínio fitogeográfico da Amazônia e 31,6% (6/19) são nativas do Brasil e nenhuma de origem exótica (introduzida).

Aspidosperma schultesii apresentou três fitônimos e *Ampelozizyphus amazonicus* apresentou dois fitônimos (Tabela 1). Essas espécies que apresentaram mais de um fitônimo são as espécies mais utilizadas no tratamento da malária na região e também em outras regiões da Amazônia. Outras plantas do gênero *Aspidosperma* são também chamadas de carapanaúba e utilizadas como antimaláricas em várias regiões da Amazônia.

Os 22 fitônimos foram classificados da seguinte maneira (Tabela 1): 8 na categoria 1, por apresentarem informações sobre a utilidade para o ser humano; 3 na categoria 2 com informações sobre a utilidade para animais; 14 na categoria 3 com informações sobre características morfológicas e do hábitat da planta; 1 foi classificado na categoria 4, referente aos mitos. Embora o fitônimo *buiuiu* tenha sido classificado nas categorias 3 e 4, sua análise foi considerada carente de mais informações. Quatro fitônimos foram classificados em duas categorias ou até três categorias, ou seja, foram extraídas da nomenclatura de um fitônimo informações que o classificam em mais de uma categoria. É o caso dos fitônimos *karapanaúba*, *jenipapo* e *iwira suikiri*. Três das quatro categorias identificadas acima foram ainda subdivididas em algumas subcategorias: Categoria 1 - utilidade para o ser humano, com as subcategorias: armas, ferramentas, fibras, medicamentos, corantes; Categoria 2 - utilidade para animais, com as subcategorias: alimento e esconderijo; Categoria 3 - características morfológicas da planta e de hábitat, com subcategorias: hábitat e dispersão da planta, cor, semelhança a animais, semelhantes a partes do corpo humano, tamanho, cor das flores e características do fruto; Categoria 4 - mitos, sem subcategorias.

Dois fitônimos apresentaram ter relação com a malária: *karapanaúba* e *karapanaiwa*, ambos com o mesmo significado e referentes à mesma espécie (*Aspidosperma schultesii*). Para alguns participantes a espécie tem esse nome porque a casca da árvore serve como remédio contra o carapanã da malária. Mas essa relação entre a planta e a malária parece ser atual. Não encontramos nenhuma

correlação forte entre os fitônimos e o uso medicinal, como em Bustamante (2005; 2015) analisando as algarabias e a hierba de Santiago; ou Hartmann (1967), que descreve em bororô o nome da planta *jurúboamagaduréupa* - *ji*= seu; *orúbo*= remédio; *amagaduréu* = o que treme; *épa*= para, ou seja, remédio para os indivíduos que tremem, a malária. Infelizmente a planta não foi identificada cientificamente.

Tabela 1. Família, nome científico e voucher, fitônimos em Nheengatu das plantas antimaláricas. Categorias: UH- utilidade para o ser humano. UA- utilidade para animais. MH- morfologia da planta e habitat. MT- mitos. Subcategorias: (UH) A- armas. F- ferramentas. Fi- fibras. M- medicamento, C-corante. (UA) Al- alimento. E- esconderijo. (MH)- H- habitat. Co- cor. Sa- semelhança a animais. Sh- semelhança ao corpo humano. T- tamanho. Cat. - categoria; Subcat. - subcategoria.

Família	Nome científico	Fitônimo	Cat.	Subcat.	Origem fitogeográfica
Annonaceae	<i>Guatteria guianensis</i> (Aubl.) R.E.Fr. (11.428)	1. <i>iwira suikiri</i>	UH, F	F, Co	Amazônia
Apocynaceae	<i>Aspidosperma schultesii</i> Woodson (11.402)	2. <i>karapanauba</i>	UH, UA	M, E	Amazônia
	<i>A. schultesii</i> (11.402)	3. <i>karapanaiwa</i>	UH, UA	M, E	Amazônia
	<i>A. schultesii</i> (11.402)	4. <i>jiiwa</i>	UH	F	Amazônia
Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G.Mey.	5. <i>tucumã</i>	MH	T	Brasil
	<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart.	6. <i>inajá</i>	MH	Cff	Amazônia
	<i>Euterpe catinga</i> Wallace (11.400)	7. <i>wasáí kaatingapura</i>	MH	H	Amazônia
	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	8. <i>wasáí kaapura</i>	MH	H	Amazônia
	<i>Iriarteia deltoidea</i> Ruiz & Pav.	9. <i>paxiuba</i>	UH	Fi	Amazônia
Bignoniaceae	<i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D.Don (11.416)	10. <i>para para</i>	MH	Cff	Amazônia
	<i>Tabebuia barbata</i> (E.Mey.) Sandwith (11.417)	11. <i>miraparaíwa</i>	UH	F	Brasil
Fabaceae	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. exTul.) L.P. Queiroz (11.427)	12. <i>jucá</i>	UH	A	Brasil
	<i>Monopteryx uauçu</i> Spruce ex Benth. (11.404)	13. <i>wakú</i>	MH	T	Amazônia
	<i>Phanera splendens</i> Spruce ex Benth. (11.429)	14. <i>iauti escada</i>	MH	As	Brasil
	<i>Swartzia argentea</i> Spruce (11.409)	15. <i>acuti cabari</i>	UA	Al	Amazônia
	<i>Ormosia discolor</i> Spruce ex Benth	16. <i>piisikanaperi</i>	MH	H	Amazônia
Rhamnaceae	<i>Ampelozizyphus amazonicus</i> Ducke (11.418)	17. <i>saracura mirá</i>	MH	As	Amazônia
	<i>A. amazonicus</i> (11.418)	18. <i>curupira mirá</i>	MT		Amazônia
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L. (11.406)	19. <i>jenipapo</i>	UH, MH	C, Fi, Cff	Brasil
	<i>Sabicea amazonenses</i> Wernham (11.424)	20. <i>buiúiu</i>	MH	Co, As	Amazônia
Solanaceae	<i>Physalis angulata</i> L. (11.426)	21. <i>camapu</i>	MH	Sp	Brasil
Strelitziaceae	<i>Phenakospermum guyannense</i> (A.Rich.) Endl. (11.428)	22. <i>sororoca</i>	MH	Co, Cff	Amazônia



Figura 3. Iauti escada. *Phanera splendens*.

Dos fitônimos estudados, a maioria (59%) relaciona-se a características morfológicas e de hábitat da planta. Os fitônimos relacionados às utilidades para o ser humano somaram 36,6%, enquanto os fitônimos relacionados às utilidades para animais somam 13,6% e foram subdivididos em alimento e esconderijo. Já os relacionados aos mitos somam 4,5% (1/19). Os fitônimos revelaram, em sua maioria, uma classificação baseada nos aspectos morfológicos das plantas. Na língua chorote 90% dos fitônimos foram classificados como “formas de vida” definidas por critérios morfológicos e utilitários (SCARPA, 2010) e entre os Baniwa do Alto rio Negro, os termos relacionados à morfologia das *Arecaceae* foram os que obtiveram o maior número de registros (58%) (AGUIAR; MENDONÇA, 2011).

Os lexemas primários e secundários (Tabela 2) são categorias semânticas estruturais também usadas para tipificar os fitônimos por Conklin (1962), Ellen (2000) e Scarpa (2010). Os mesmos autores fazem ainda uma terceira classificação como nomes metafórico-descritivos, que não replicamos neste trabalho.

Quatro fitônimos apresentaram lexemas secundários indicando categorias superordenárias: *wasáí kaapura* e *wasáí kaatingapura*, diferenciando as espécies de açaí por seu hábitat; *iwira suikiri*, diferenciando a espécie das demais espécies de *iwira* (envira) pela cor; e *acuti cabari* diferenciando esta espécie de cabari das demais espécies pelo animal que a come, o acuti (cotia). Outros fitônimos binomiais são *saracura mirá* e *iauti escada*, utilizando nomes de animais para relacionar à morfologia das plantas; *para para*, que é binomial por conta de uma reduplicação relacionada ao aumento na intensidade da característica aludida pelo adjetivo “pará” (mesclado, colorido); e *curupira mirá* relacionando a planta “mirá” ao ser mítico *curupira*.

Tabela 2. Lexemas secundários e fitônimos binomiais.

Lexemas secundários	Categorias supraordenárias	Significado	
		<i>Stricto sensu</i>	Diferenciador de
<i>wasáí kaapura</i>	kaa pura	Mato	Habitat
<i>wasáí kaatingapura</i>	kaatinga pura	Caatinga	
<i>iwira suikiri</i>	Suikiri	Verde	Cor
<i>acuti cabari</i>	Cabaré	Cotia	Predador
Outros fitônimos binomiais			
<i>para para</i>	Para	Duplicidade da palavra indicando ênfase	
<i>iauti escada</i>		Detalhe da forma relacionada ao animal	
<i>saracura mirá</i>	Saracura	Animal a que a planta se assemelha	
<i>curupira mirá</i>	Curupira	Ser mítico	

Hunn (1982) sugere que a pesquisa etnobiológica em taxonomia *folk* deve ser guiada pela premissa de que o conhecimento cultural é adaptável. Algumas plantas que possuem a etimologia de origem tupi, como, por exemplo, *para para* (Nheengatu – muito manchado), foram modificadas em seu significado, por poucos entrevistados (2), como sendo uma palavra originária da língua portuguesa *para* – do verbo parar, fazendo alusão a parar a dor, parar a doença. Essa adaptação também parece ser válida para karapanaúba (Figura 4), fazendo alusão ao mosquito da malária (karapanã) relacionando o significado à doença, mesmo embora a denominação da planta seja provavelmente mais antiga do que a introdução da doença no território. Milicã (2012) afirma que a dimensão empírica da tradição popular descreve que os nomes são atribuídos em virtude da tradição, um nome comum é dado pela coletividade, não por indivíduos, como acontece no caso do modelo científico.



Figura 4. Kaparanauba, karapanaiwa, jiiwa. *Aspidosperma schultesii* e as reentrâncias do seu caule que abriga os mosquitos e seus predadores.

Siqueira et al. (2017) registraram como os nomes populares das plantas se tornaram nomes medicalizados (plantas nomeadas com referência a medicamentos farmacêuticos), principalmente nos estados do sul do país, como por exemplo dipirona, insulina, e outros. No Alto rio Negro, não foi encontrado nenhum nome medicalizado, mas a relação da planta com o produto farmacêutico para tratamento da malária se dá em dois momentos; 1) quando os entrevistados falaram que a planta é tão amarga quanto o medicamento para malária distribuído pelos órgãos de saúde; e 2) a posologia dos medicamentos caseiros para malária segue a posologia dos comprimidos distribuídos pelos órgãos de saúde locais. Além disso, quando questionados sobre o nome saracura mirá (vide monografia), afirmaram que a origem do nome se dá porque a planta “sara” e “cura” a doença.

Monografia das plantas com nome Nheengatu Wasáí Kaapura

- Nome em Nheengatu: *wasáí kaapura*
- Nome em Português: açáí-do-mato
- Nome científico: *Euterpe precatoria*

O termo “*wasáí*” provém do tupi antigo. Do Tupi *acã* – caroço de fruta e *i-* pequeno. No tupi antigo semente seria *a’ynha* (t), portanto semente pequena seria *ta’ynhĩ*. Já *sa’ynhĩ* = sua semente pequena/ ela possui semente pequena. Já na língua geral, com a cristalização da forma “sainha” como semente, poderíamos ter “sainhaí” = semente pequena. Outra possibilidade também, já decorrente da língua geral, seria “*iwásáí*” = fruta azeda. Essa indicação se dá apenas pela sonoridade do nome, não tendo nenhum outro indício de que esta seja a etimologia correta da palavra, embora o açáí, se não consumido na hora azeda, ou seja, fruto ou semente que azeda.

No tupi antigo fruta azeda seria “*ybaíã*”, que, segundo Navarro (2011), é a origem do nome uvaia. Já a palavra “*kaapura*” trata-se de um adjetivo que restringe a ideia expressa pelo substantivo, especificando seu sentido. Podemos traduzir este termo como “selvagem”, “do mato”, sendo que provém dos vocábulos do tupi antigo: *ka’a* (mato, mata) + *pora* (habitante, que habita) (NAVARRO, 2011). O

segundo vocábulo que compõe o nome, portanto, diferentemente do primeiro, tem um valor descritivo para os falantes do Nheengatu, e por fazer referência ao hábitat da espécie enquadre-se no grupo 3, conforme a separação metodológica proposta acima.

Wasáí Kaatingapura

- Nome em Nheengatu: *wasáí kaatingapura*
- Nome em português: açáí-da-catinga
- Nome científico: *Euterpe catinga*

Tem-se aqui um caso totalmente análogo ao anterior com a diferença de que o nome neste caso indica outro tipo de hábitat, a caatinga.

Kaatinga designa o ambiente de ocorrência desta espécie. A etimologia provém do tupi antigo *ka'atinga* (mata clara). De *kaa* – mata e *tinga*- clara (NAVARRO, 2011). Refere-se à claridade da catinga, ambiente de mato mais ralo e esparso onde penetra a luz do sol e reflete a luz na areia branca. Enquadramos então esta espécie no grupo 3.

Paxiúba*

- Nome em Nheengatu: paxiuba
- Nome em Português: paxiúba
- Nome científico: *Iriarteia deltoidea*

Essa variedade de palmeira era chamada, no tupi antigo, de “*paty*”. A palavra “*yba*” significa “pé” e, portanto, “*paty-yba*” seria o pé de “*paty*”. Na língua geral setentrional a palavra assume a forma “*paxi-yba*” e passa para o português como “paxiúba”. A palavra paxiúba foi também encontrada como *paty* = *upá* –*ty*= atar o leito (palmeiras cujas fibras os índios faziam redes de dormir) e *yba* – “pé” ou “árvore” (CHIARARDIA, 2008). Durante o trabalho de campo a paxiúba foi citada como fonte de matéria-prima para vários tipos de construções como casa e armadilhas de pesca, por exemplo, mas não como fonte de matérias-primas para rede de dormir. Gertsch (2002) registra essa espécie como fonte de fibras para confecção de redes pelos Yanomami do Alto Orinoco.

Leito no tupi antigo seria *upaba* (t), ou seja, sua forma absoluta era *tupaba*. Para o verbo “armar”, “atar”, há a forma “*tĩ*”. Portanto temos: *a-tupá-tĩ* = (eu) armo o leito; *tupá-tĩ* = o atar do leito, atadura do leito, amarra do leito, armação do leito. Então “*tupá-tĩ*” não é tão próximo de “*paty*”, o que traz dúvidas quanto a esta etimologia de redes de dormir.

Na língua Tukano, Wanano, Piratapuya e Tuyuka o nome dado a *Iriarteia deltoidea* pode ser livremente traduzido como palmeira rica em amido (BERNAL et al., 2007) o que diferencia a sua nomeação do Nheengatu assim como sua utilidade. O uso da palmeira como fonte de amido não é mais registrado, entretanto, na região. Segundo Bernal (2007), a extração de amido assim como o nome dado a planta originou-se em um período em que os Tukano orientais eram caçadores coletores e não sedentários como agora e que não tinham a opção da mandioca como amido. Ele acrescenta ainda que o uso dessa palmeira como fonte de amido não era ocasional, pois neste caso não teria dado origem a nomes com o significado de palmeira de amido, a cinco línguas independentes da região. Analisando-se o nome por sua característica de utilidade como fibra para rede de dormir enquadramos a espécie no grupo 1.

Karapanaúba, karapanaiwa, jiiwa

- Nome em Nheengatu: *karapanaúba, karapanaiwa, jiiwa*
- Nome em Português: carapanaúba
- Nome científico: *Aspidosperma schultesii*

O nome provém do termo tupi “*karapanã-yba*” (pé de carapanã), de *carapanã* = mosquito e *úba* = *yba* = pé de planta, planta, árvore, pau (NAVARRO, 2013) que passou para o português como carapanaúba. Outros falantes utilizam a palavra correspondente à adaptação do termo antigo do tupi *yba* = pé de planta (NAVARRO, 2001) para o Nheengatu atual da região: *carapanã-iwa* (pé de carapanã). Esses falantes distinguem as duas palavras que formam o nome e a relação genitiva que há entre elas. Mesmo assim, entre estes falantes, não há consenso sobre o sentido desse nome. Alguns deles não sabem o sentido da nomenclatura, dizendo não saber o porquê de essa árvore ter um nome que se traduz por “pé de carapanã”. Entre estes falantes há quem diga que o termo “*carapanã*” que aparece no nome não é uma designação do mosquito, afirmando que a nomenclatura não tem relação alguma com os

mosquitos conhecidos como carapanãs. Nesse caso o primeiro termo é interpretado como um substantivo desconhecido, homônimo da nomenclatura utilizada na designação dos insetos.

Outros falantes, por outro lado, relacionam sim o vocábulo “carapanã” aos mosquitos, e enxergam um sentido nesse nome. Alguns dizem que o nome deve-se ao fato de os carapanãs utilizarem a árvore para se reproduzirem: a carapanaúba possui muito sulcos no tronco onde habitam os carapanãs. Outros falantes afirmam que quase sempre existe água parada na base do tronco, onde os carapanãs costumam colocar seus ovos, favorecendo a multiplicação dos mosquitos.

Segundo outros falantes, entretanto, o nome deve-se ao fato de a casca desta árvore ser utilizada no tratamento da malária, ou seja, contra uma doença transmitida pelos carapanãs. Para estes, portanto, o fitônimo enquadra-se no grupo 1, já que indica uma utilização da planta pelo ser humano, enquanto que para os primeiros ela enquadra-se no grupo 2, já que se refere a uma utilização da espécie por animais, no caso os carapanãs.

Essa árvore também é conhecida pelo nome de *ji-iwa*, do tupi antigo *îy* = machado e *yba* = pé de planta (NAVARRO, 2011), que se traduz por “pé de machado”. Neste caso, segundo os falantes, o nome refere-se ao fato de a árvore ser muito utilizada para a confecção de cabos de machado, o que faz com que este fitônimo pertença ao grupo 1. Interessante observar que para esta *Aspidosperma* foram registradas quatro palavras na língua Tukano, entre elas *Komeiahpuri* e *Komenu* que também têm o mesmo significado de “pé de machado” e *M-uh tégu* que significa árvore do carapanã.

Os nomes *Karapanaúba*, *Karapanaiwa*, *Jiwa* são dados a várias espécies do gênero *Aspidosperma* que possuem os troncos sulcados.

Tucumã* Karussu

- Nome em Nheengatu: tucumã (Karussu)
- Nome em Português: tucumã
- Nome científico: *Astrocaryum aculeatum*

Tucumã é um termo que remonta ao tupi antigo, o mesmo que tukũ e que passou para a língua geral e também para o português sem grandes alterações (NAVARRO, 2011). Tu-cu = espinho alongado (CHIARADIA, 2008). Espinho, no tupi, possuía as formas *îu*, *îuatĩ*. Alongado, comprido, seria *puku*. Portanto, espinho comprido poderia ser: *îupuku*, *îuatĩmbuku*. Não foi possível estabelecer nenhuma relação entre *tukũ* e a etimologia aludida por Chiaradia (2008) *espinho alongado*.

O termo “*karusu*” (leia-se “carusso”) provém do português “caroço” e é utilizado com referência às sementes ou caroços. A palavra mais antiga para semente na língua geral é “*sainha*” termo que hoje em dia é mais utilizado com o sentido de “vagina”. Esse novo sentido provém de um deslocamento semântico, fruto de uma utilização metafórica do termo. Poucos conhecem ainda seu sentido original.

Dessa forma, tucumã enquadra-se no grupo 3 por fazer referência a uma característica morfológica da planta.

Inajá*

- Nome em Nheengatu: inajá (karussu)
- Nome em Português: inajá
- Nome científico: *Attalea maripa*

O nome provém do tupi “*inaíá*”, “*indaiá*”. A palavra ficou inalterada na língua geral, embora alguns utilizem no Nheengatu, por influência da língua portuguesa, a forma “*inajá*”. De *indaiá* = *andá-ía* = cocos ou amêndoas caídas, que se despençam. *Ini-íá* = frutos de fio. *andá* = *antá* = duro, dureza e *íá* = fruto (CHIARADIA, 2008).

Inĩ designava a rede de dormir, então “*inĩ ‘ybá*” ou “*inĩ ‘a*” seria fruta da rede de dormir. Fio seria *inimbó* que deu *inimbu* no Nheengatu. Fruto de fio seria então “*inimbó ‘ybá*” ou “*inimbó ‘a*”. Duro, no tupi era *atã* (t), que deu *santá* no Nheengatu. Fruta dura, seria *ybá-atã* no tupi e *iwásantá* no Nheengatu. Não sei se talvez alguma das formas: *nhandy‘ybá*, *nhandy ‘a*, *îandy ‘ybá*, *îandy‘a*, que significam frutos de óleo poderia ter resultado em *indaiá* e *inajá*. O nome foi registrado como *indaiá* e *inaíá* a partir do próprio tupi antigo, então se esta fosse a etimologia da palavra teria havido já uma razoável alteração dos termos, dentro já do próprio tupi antigo. “*Nhandy‘a*” foi registrado como azeitona no período colonial.

Os frutos de inajá são muito apreciados pelos moradores das comunidades, o mesocarpo é adocicado e muito fibroso, o que pode ter originado o nome Ini- iá = frutos de fio. A amêndoa também é comestível. Classificamos assim o inajá no grupo 3 das características morfológicas da planta.

Miraparaiwa

- Nome em Nheengatu: *miraparaiwa*
- Nome em Português: pau-de-arco
- Nome Científico: *Tabebuia barbata*

O nome Nheengatu, conforme já explicado acima, traduz-se como “pé de arco”, o que não difere muito de seu nome na língua portuguesa. De mirá = pau e apara= torto, que formam mirapara = arco, e iwa = yba = árvore (CHIARADIA, 2008). Grenand e Ferreira (1989) citam *miraparaiwa* como nome dado a espécie *Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.) Standl, hoje *Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex DC.) Mattos também da família Bignoniaceae.

Segundo os falantes do Nheengatu o nome resulta da utilização que se faz da madeira desta espécie, já que se costuma utilizá-la na confecção de arcos. Sendo assim este fitônimo enquadra-se no grupo 1.

Para para

- Nome em Nheengatu: *para para*
- Nome em Português: pará-pará
- Nome científico: *Jacaranda copaia*

Pode ser que se origine do adjetivo tupi “*paráb*”, que significa “manchado, malhado de diversas cores”. A reduplicação “*pará-paráb*” teria o significado de “muito manchado”, ou seja, de aumento na intensidade da característica aludida pelo adjetivo. Esse vocábulo chegou a circular na língua geral amazônica como comprova o dicionário de Hermano Stradelli (1929), composto em fins do século XIX e início do século XX: pará, parauá=manchado de diversas cores, veiado de cores diversas, mosqueado. A árvore, entretanto, não possui tronco ou folhas variegadas (BARBOSA, 1955), o que coloca certa dúvida na validade desta etimologia. Pode-se interpretar a mancha se aumentarmos mais o campo de visão, como uma mancha na floresta, pois durante a floração de *Jacaranda copaia* o dossel ou o solo/ serrapilheira torna-se manchado ou colorido pela coloração azulada de suas flores.

De acordo com a interpretação feita neste trabalho, essa espécie enquadra-se no grupo 3.

Uma comparação curiosa é que *Phyllanthus niruri* com o nome em guarani de paraparaí, ou seja, para para pequeno tem também os nomes populares de *quinine weed* (erva de quinino) e quinina criolla.

Jacaranda copaia é denominada em outras regiões do país de caroba. Caroba vem do tupi antigo “ka’aroba” que significa folha amarga. Freitas e Freitas (1936) descrevem a caroba como uma planta de flor verde e cinco folhas, também conhecida popularmente como jacarandá, provavelmente *Cybistaxanti syphilitica*, nativa do Brasil de ocorrência em todo o território, exceto em alguns Estados do Norte, incluindo o Amazonas. Ainda segundo Freitas e Freitas (1936) caá = mato e yrob = amargo.

Henrique Velloso d’Oliveira, em seu livro sobre a botânica brasileira (1854), com informações extraídas e traduzidas das obras de Martius, cita outros tipos de jacarandá com os nomes de caroba e caaroba. Além de outras espécies conhecidas por “caroba de flor verde” e “caroba branca”. Faz referência ao gosto amargo das folhas e cita alguns usos medicinais da planta, sem mencionar, entretanto, a utilização para a cura de sintomas relacionados à malária, como as febres intermitentes.

Jucá*

- Nome em Nheengatu: jucá.
- Nome em Português: jucá.
- Nome científico: *Libidibia ferrea*

O termo provém do tupi antigo “*îuká*” que significa quebra- pescoço. *Aîura* = pescoço e *ká* = quebrar. Refere-se também a matar, e a árvore jucá, de madeira duríssima era utilizada para fazer tacapes com os quais se matavam os prisioneiros. No Nheengatu a palavra iuká significa matar. No dicionário de Stradelli (1929) apresenta o significado de ser morto pela mão de alguém. O jucá não é nativo do domínio fitogeográfico da Amazônia, distribui-se nos Estados do Nordeste e Sudeste até o Rio de Janeiro e, segundo os participantes, a árvore é rara, apenas de áreas cultivadas; segundo os participantes,

provavelmente trazida pelos antigos habitantes da região nordeste na época da borracha ou do garimpo. Dessa forma, foi classificada no grupo 1.

Jenipapo*

- Nome em Nheengatu: jenipapo
- Nome em Português: jenipapo
- Nome científico: *Genipa americana*

O termo provém do tupi antigo “*ianyapaba*”. No dicionário da língua geral de Stradelli encontramos a forma “*ienipaua*”. O uso da palavra “jenipapo” no Nheengatu decorre do contato com a língua portuguesa. Segundo Chiaradia (2008), jandi – ipaba ou janipaba = fruto das extremidades que dá suco. Jandi= nhandi = suco, óleo, o que ressuma e ipaba = ibapaba = fruto da ponta, do extremo que faz alusão aos frutos do jenipapeiro que são tantos quanto as extremidades do seu galho. Nesta espécie geralmente as folhas caem e ficam apenas os frutos. Ou ainda jenipá = jandipá = jandi-ibá = o fruto do azeite, do suco, do sumo. Se levarmos em conta que o fitônimo refere-se a características morfológicas da planta podemos classificar a espécie no grupo 3.

Em guarani se diz nhandipá = iá – n – ipaba = fruto de esfregar ou que serve para pintar. Jenipapo como corante e para fazer tatuagens é consagrado e usado até os dias atuais. De acordo com essa etimologia, podemos classificar o fitônimo no grupo 1.

Sororoca

- Nome em Nheengatu: sororoca
- Nome em Português: sororoca
- Nome Científico: *Phenakospermum guyannense*

O nome deve ter relação com o verbo tupi “sororok” (irromper, romper), que resulta de uma duplicação do verbo sorok (romper-se, rasgar-se). Stradelli (1929) registra em seu dicionário de língua geral os termos “soroca” (rasgado, roto) e “sororoca” (retalhado, recortado, esfiapado). Na língua geral atual da região do Alto rio Negro poucas palavras conservaram o som correspondente à letra “o”, de forma que se tem hoje o verbo “suruka” (rasgar), em vez de “soroka”. Dessa forma, o nome “sororoca” é provavelmente mais um exemplo de palavra que percorre um caminho oscilatório, tendo entrado na língua portuguesa através do tupi antigo ou da língua geral falada outrora em outras localidades da Amazônia e hoje entra na fala dos falantes do Nheengatu como um empréstimo do português. No tupi antigo “sororoka” era também a denominação de um “peixe teleósteo da família dos tunídeos” que em português também é chamado de “sororoca”. Apesar dessas considerações o fitônimo é tido hoje como um signo arbitrário para os falantes da língua geral.

A reduplicação “soroca-soroca” teria o significado de “muito rasgada”, ou seja, de aumento na intensidade da característica aludida pelo adjetivo.

A sororoca é uma espécie utilizada, no Alto rio Negro, na cobertura de casas temporárias, como envoltório de peixes para cozimento e como alimento. O significado da palavra pode referir-se a característica da folha de rasgar-se e/ou mais provável a uma característica dos frutos lenhosos tricarpelares deiscentes, ou seja, que se rasgam totalmente. Dessa forma, classificamos esta espécie no grupo 3.

Iwira suikiri

- Nome em Nheengatu: iwira suikiri
- Nome em Português: envira-verde
- Nome científico: *Guatteria guianensis*

O nome “iwira” provém do termo tupi “*embyra*” que deu “*imbira*” ou “*envira*” no português brasileiro (NAVARRO, 2011). É nome dado a qualquer casca ou cipó usado para amarrar. Do tupi i – mbira, a pele, a casca da árvore, a fibra da entrecasca. Ou im = imb = fincado, plantado e pira = pele (NAVARRO, 2011). “*Suikiri*” significa “verde” (neste caso, mas também pode significar “azul”) e, portanto, o fitônimo constitui-se por um substantivo que tem seu significado restringido por um adjetivo. É a característica morfológica de identificação desta espécie que a diferencia de outras enviras é justamente a coloração sempre verde da parte interna da casca, mesmo depois de vários dias de sua retirada. A referência à cor da planta faz com que o fitônimo pertença ao grupo 3.

É interessante notar a flexibilidade das etimologias e de seus sentidos, na visão de cada falante da língua. Um dos participantes ao ser questionado sobre o significado do nome da planta disse que provavelmente relaciona-se com a utilização que se faz de sua madeira, que é usada na construção das casas como suporte para o telhado. Assim, segundo esse informante, a palavra “*iwira*” provém de “*i*” (pronomes de 3ª pessoa) + “*wira*” (sob, em baixo), tendo assim o significado de “sob ela”, ou “em baixo dela”, e esse nome aludiria ao fato deles ficarem sob a madeira quando entram em suas casas. Essa etimologia associada a esse sentido incluiria o fitônimo no grupo 1, já que o nome estaria associado à utilização que o ser humano faz da planta. Este é um exemplo do que podemos chamar de etimologia popular: uma explicação da palavra com base num conhecimento sincrônico da língua, no momento presente, sem levar em conta as alterações que o idioma sofreu ao longo do tempo. “*i wira*” provém do tupi “*i gũyra*” (sob ela, sua parte inferior, sua parte de baixo), não tendo relação alguma, etimologicamente, com o termo tupi “*embyra*”, cujas alterações fonéticas resultaram no Nheengatu “*iwira*”.

Este é um bom exemplo de que os quatro grupos propostos acima para a classificação dos fitônimos não desempenham papel apenas na origem destes nomes, mas também nas posteriores buscas de sentido para os mesmos. Assim, palavras que foneticamente se adequem, total ou parcialmente, ao fitônimo, quando corroboradas pela possível inclusão deste nome num dos grupos aqui propostos, podem gerar a sensação de esclarecimento do sentido deste fitônimo. Este sentido criado num momento posterior pode diferir muito do sentido original, seja no conteúdo puramente linguístico, ou na interpretação das palavras, relacionada a elementos extralinguísticos, conforme explicado mais acima. Isto vale tanto para as etimologias populares, mais intuitivas e sincronicamente estruturadas, como para as buscas etimológicas mais acuradas, que nunca estão completamente livres de recriar sentidos distintos dos originais.

Neste trabalho separamos o que é “etimologia popular”, mais calcada num conhecimento sincrônico da língua e proveniente de pura intuição, das etimologias que buscam de forma mais acurada o sentido original, por mais que mesmo estas contenham sempre certa imprecisão. Seria possível, por exemplo, um falante qualquer de português, quando questionado a respeito do nome da fruta “manga” fazer alguma conexão entre a etimologia desta palavra e a “manga” das camisetas. Isto acontece porque este falante leva em conta apenas o estado sincrônico da língua, no momento presente.

Wakú (Vacú)

- Nome em Nheengatu: *wakú*
- Nome em Português: vacú
- Nome científico: *Monopteryx uauçu*

No nome científico, o epíteto específico é o nome popular dado a esta espécie. Stradelli (1929) cita uacú como uma fruta comestível que precisa ser assada. Chiaradia (2008) aponta *M. uauçu* também com o nome de uauçu, uauaçu e uaçu e refere-se aaçu – grande. Essa característica pode fazer referência ao tamanho da árvore que é alta, chegando a mais de 25 metros de altura e apresenta a maior área basal, das árvores estudadas em São Gabriel da Cachoeira (STROPP, 2011). Dessa forma, a espécie foi classificada no grupo 3.

Saracura mirá, Curupira mirá

- Nome em Nheengatu: saracura mirá; curupira mirá
- Nome em Português: saracura-mirá
- Nome científico: *Ampelozizyphus amazonicus*

Mbyrá ou myrá=mirá é tomado como gênero em combinação binária com um adjetivo que sempre qualifica ou determina uma propriedade ou qualidade que tenha a madeira. Quando são acrescentadas de um substantivo exprimem a ideia de referência (BARBOSA RODRIGUES, 1905), como é o caso dos fitônimos analisados abaixo.

Saracura provém do tupi antigo “*sarakura*” substantivo para designar certas aves de pernas muito compridas e finas e mirá = pau ou pé.

O nome faz alusão à morfologia da planta, que possui caule muito fino e comprido, parecendo as pernas da ave sarakura. Dessa forma, podemos classificá-la no grupo 3.

É interessante observar que em algumas comunidades quando questionados sobre a origem do nome saracura os participantes afirmaram ser “sara” e “cura” relacionados aos verbos em português

sasar e curar indicando as características curativas da planta. Aqui temos mais uma vez um exemplo de etimologia popular que incluiria o fitônimo no grupo 1. Vale dizer que o fato de os falantes terem sido entrevistados num contexto de busca de plantas medicinais pode ter influenciado nesta proposta etimológica.

A planta possui também o nome de curupira mirá, ou pé de curupira. A palavra provém do tupi antigo “*kurupira*” que significa pele de sarna ou pele de verrugas kuru = verrugas e pira= pele. Refere-se a uma entidade sobrenatural habitante das florestas, existentes nas comunidades estudadas. Sampaio (1987) apresenta a palavra Curupyra com o significado de “o chagado”, “o indivíduo coberto de pústula”.

Durante o trabalho de campo, os indígenas se referiam ao curupira como causador de vários acontecimentos, principalmente quando se perdiam no mato. Mas o nome kurupira mirá segundo um mito contado pelos informantes diz respeito a um homem que foi banido do lugar onde vivia por estar cheio de feridas e verrugas (lepra?), ele estava deitado no mato, sentindo-se muito mal, quando chegou outro homem, e deu a ele uma planta para que passasse nas feridas, ele passou e ficou curado, podendo voltar para casa. Essa planta é a planta do kurupira mirá (*Ampelozizyphus amazonicus*).

Classificamos então esse fitônimo no grupo 4.

Buiuiu*

- Nome em Nheengatu: buiuiu
- Nome em Português: Indeterminado nessas localidades (em outras, macaquinha ou maçazinha).
- Nome científico: *Sabicea amazonensis*

A etimologia da palavra Nheengatu buiuiu necessita de mais estudos. Provavelmente foi *Sabicea amazonensis* citada como buiuiu por Cabalzar (2005) afirmando ser uma palavra de origem Nheengatu, referente a uma frutinha de uma planta rasteira, das capoeiras, de sabor doce, de importante significado xamânico no Alto rio Negro. Segundo o autor, a vida da criança recém-nascida é soprada pelo benzedor em cima do sumo desta planta. A espécie é sempre associada ao cordão umbilical, às cobras e ao rio. Também em Alves et al. (2014), o fruto de buiuiu é utilizado no preparo de uma bebida doce por um ser divinal em uma antiga história do começo do mundo dos Tariano do Alto rio Negro. Uiuui poderia ser o substantivo Mboi =cobra, Yu= espinho. Uma cobra com espinhos. Mas não foi encontrado na literatura consultada referência a palavra Buiuiu. O termo cobra faz sentido se levarmos em consideração a forma da planta (uma liana) e sua utilização e associações nos rituais xamânicos.

Outra etimologia encontrada foi Mbuy = varinha, mas que não tem muita relação com as informações citadas sobre as plantas.

Esse fitônimo necessita de mais estudos então não foi classificado em nenhum dos grupos propostos neste trabalho.

A palavra buchuchu ou buxixu faz referência a espécies da família Melastomataceae que tem pequenos frutos comestíveis redondos e azulados, do tupi uui = violáceo. O gênero *Sabicea*, a exemplo de *S. villosa* e *S. amazonenses*, também possui frutos violáceos.

Iauti escada

- Nome em Nheengatu: iauti escada
- Nome em Português: escada-de-jabuti
- Nome científico: *Phanera splendens*

Apresenta a mesma relação de dois nomes. Iauti em tupi antigo = jabuti. Stradelli (1929) faz referência a esta espécie com o nome de iauti – mytá – mytá. A palavra mytá no tupi antigo significa “o andaimo no mato para esperar a caça”. A duplicação mytá-mytá designava escada. A espécie foi citada como iauti escada, com a palavra *mytá-mytá* já substituída pela palavra no português, escada. No dicionário de Stradelli a tradução se dá como escada do jabuti. Segundo o autor, a espécie é característica da terra-firme e a casca é utilizada em infusão como sudorífica.

Este nome parece fazer uma alusão indireta à morfologia da planta: ela se parece mesmo com uma escada, perfeita para levar do chão ao topo da árvore ou vice-versa. Os jabotis, entretanto, não a utilizam com este fim, como sugere o fitônimo. A “escada”, contudo, seria adequada para um ser com as dimensões do jabuti, levando em conta o espaçamento entre os “degraus”. Sendo assim, como o nome faz referência à característica morfológica da planta a classificamos no grupo 3. Cabe ainda a questão de se tal fitônimo não estaria relacionado a algum mito ou lenda, no qual serve de fato como escada para

algum jaboti que participa da narrativa. Tal questão não foi respondida neste trabalho: caso a resposta seja afirmativa poderíamos classificá-lo como pertencente aos grupos 3 e 4 (vale dizer que em casos onde o fitônimo pertença a mais de um dos grupos aqui propostos, resta a questão de se algum destes grupos descritivos é precedente como fonte para a formação do nome, e se este for o caso, qual seria a informação “originária” presente na nomenclatura. Pode haver, por exemplo, narrativas nas quais um jabuti utilize o iauti escada como instrumento para chegar ao topo das árvores, mas o simples fato de existirem tais narrativas não significa que o nome tenha sido cunhado através destas histórias: o fitônimo pode preceder as narrativas e, por que não, servir até mesmo como inspiração para suas criações.

Camapu

- Nome em Nheengatu: camapu
- Nome em Português: camapu
- Nome científico: *Physalis angulata*

Do tupi antigo *kama* = seio, *kamapuá*, *kama* = seio púa = ponta, ou bico de seio. Em Nheengatu *kama* = seio e *apu* = cheio.

O nome faz referência ao formato do fruto que, segundo Lorenzi (2002), são bagas globosas, envolvidas por sépalas concrescentes, conferindo a forma de um pequeno balão inflado. O pequeno balão inflado é visto como um seio cheio pelos falantes da língua.

Classificamos este fitônimo no grupo 3.

Acuti cabari

- Nome em Nheengatu: acuti cabari
- Nome em Português: cabaré-de-cotia
- Nome científico: *Swartzia argentea*

Acuti= cotia. Os participantes afirmaram que a cotia come esta espécie e por isso é denominada cabari-de-cotia para diferenciar-se dos outros tipos de cabari. Por essa razão, foi classificada no grupo 2. Outras espécies de cabari foram encontradas.

Segundo Stradelli (1929), cauaeri = cabaeri é uma casta de erva da qual se faz um vomitório. As plantas denominadas neste trabalho de cabari são árvores e não ervas. Grenand e Ferreira (1989) citam cabari (p. 64) como uma variedade de árvore, sem etimologia, pertencente à espécie *Clathrotropis macrocarpa* Ducke (Fabaceae), a mesma espécie é citada como cabari no dicionário Baniwa – português de Henri Ramirez, para a região do Alto rio Negro. Na pesquisa prévia sobre plantas antimaláricas, na qual foram coletados esses fitônimos foram registradas três plantas com o nome de cabari, todas do gênero *Swartzia*.

Segundo Navarro (2011), uári é verbo em Nheengatu que significa cair. E caá = folha. Poderia ter relação com a caducifolia características de algumas espécies, mas não são dos cabaris citados neste trabalho que são perenifólias. Mas é apenas uma suposição. Este verbo vem do tupi ‘ar. Teríamos, então, no tupi antigo: *ka’ao’ar* = a folha cai; *ka’a’araba* = queda de folha. No Nheengatu temos: kaáuwari (leia-se “uwári”) = afolha cai; kaáwarisawa = queda de folha. É possível que os vocábulos de origem tupi que originaram palavras em português escritas com “b”, possuíam, na maioria das vezes, a fricativa bilabial, que também se convencionou de escrever com “b” no Tupi antigo (embora a pronúncia seja um pouco diferente do “b” do português, mais próximo do “v” do castelhano). No Nheengatu esta bilabial fricativa acabou virando uma semivogal û (que hoje a maioria escreve com w). Tem-se, portanto: kaba (Tupi antigo); kawa (Nheengatu); caba (português). Como o verbo do tupi antigo ‘ar não possui esta bilabial fricativa, parece pouco provável (mas não impossível) que tenha gerado o fitônimo *kabari*. Algumas possíveis etimologias pela sonoridade são: *kabary* = sumo da vespa, líquido da vespa, caldo da vespa; sumo da gordura, caldo da gordura, líquido da gordura; *kab(a)-eira* = mel de vespa; *ka’abary* = líquido do esterco; *ka’aparĩ* = folha torta.

A etimologia do nome cabari necessita de estudos mais aprofundados.

Piisikanaperi

- Nome em Nheengatu: *piisikanaperi*
- Nome em Português: Indeterminado nestas localidades (geralmente olho-de-cabra, olho-de-boi, tento)
- Nome científico: *Ormosia discolor*

Piiskanaperi é o nome dado à semente de *Ormosia discolor*. Segundo os participantes, a semente é coletada no chão da mata para fazer o medicamento e principalmente para fazer artesanato. A semente é de coloração preta e vermelha.

No tupi antigo *pysyk* significa pegar, apanhar, tomar nas mãos; *pysykaba* no tupi antigo significa lugar de pegar. No tupi antigo *pyri* (locativo pós-posicionado) significa ao pé de, na parte próxima de (NAVARRO, 2011). Dessa forma poderia ser apanhar (a semente) próximo ao pé. As sementes dessa espécie caem no chão próximas da planta-mãe. Segundo Barbosa Rodrigues (1905) e Chiaradia (2008), *peri* pode significar campo, descampado e também tem o significado de junco. Nesse caso não teria muito o que relacionar com as características encontradas sobre a planta já que foi citada como de ocorrência na terra-firme e na capoeira. Talvez apenas o termo *peri* significando campo ou descampado poderia relacionar-se a capoeira.

Pela interpretação feita neste trabalho classificamos esse fitônimo no grupo 3 como uma característica de hábitat ou dispersão da planta.

CONCLUSÃO

A partir do estudo da fitonímia das plantas selecionadas pode-se observar que a maioria das plantas é identificada por suas características morfológicas e de utilidade para o homem. A pesquisa demonstra que os fitônimos não possuem significados mais antigos relacionados ao uso medicinal ou contra malária. Podemos relacionar estes dados com o fato de a doença ser recente e não ser endêmica do Brasil. São inexistentes as informações relacionadas aos princípios ativos ou às características do gosto amargo dessas plantas ou de qualquer característica que indique a possibilidade de uso medicinal. Apenas *Jacaranda copaia* tem um nome de origem tupi (caroba) que indica o amargor da planta, mas este nome não foi citado em Língua Geral Amazônica (LGA) nas comunidades pesquisadas. É importante lembrar que a LGA foi uma língua introduzida na região, o que pode indicar uma nomeação secundária das espécies da região.

A partir desta constatação seria interessante fazer um trabalho de fitonímia comparada dessas espécies nativas em outras línguas existentes na região assim como das espécies nativas do Brasil. Algumas perguntas surgem então: é possível que nas outras línguas locais existam fitônimos indicando os princípios ativos dessas plantas? Quantos fitônimos com informações sobre o uso medicinal existem nas línguas indígenas brasileiras? A amostra utilizada neste estudo é pequena para fazer generalizações sobre a nomeação e a origem da utilização dessas plantas medicinais. Mas podem nos dar a ideia de como os indígenas fazem a observação acurada da flora e do hábitat, além disso, são importantes porque carregam informações sobre a cosmovisão dos falantes e sua dinâmica, e podem ampliar a compreensão e a comunicação em diversas áreas de atuação, como a assistência médica local e a proteção do meio ambiente.

Uma frase de Lévi-Strauss (1989), depois de estudar vários exemplos da classificação linguística *folk*, é significativamente interessante neste contexto:

“De tais exemplos, que se poderiam retirar de todas as regiões do mundo, concluir-se-ia, que as espécies de animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis, elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas”.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Capes/CsF (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Programa Ciências sem Fronteiras) e FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo auxílio financeiro. Ao IFAM – Campus São Gabriel da Cachoeira pela ajuda logística e hospedagem. Às comunidades indígenas de São Gabriel da Cachoeira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M.O.; MENDONÇA, M.S. Terminologia Baniwa relacionada às palmeiras. *Acta Botanica Brasileira*, v. 25, n. 2, p. 413-421, 2011.

BARBOSA RODRIGUES, J. *Mbaé kaá tapyiyeta enoyndua ou a botânica e a nomenclatura indígena*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1905.

- BERLIN, B.; BREEDLOVE, D. E.; RAVEN, P.H. General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American anthropologist*, v. 75, n. 1, p. 214-242, 1973.
- BERNAL, R.; MARMOLEJO, D.; MONTES, M.E. Eastern Tukanoan names of the palm *Iriarteadeltoidea*: evidence of its possible preagricultural use as a starch source. *Journal of Ethnobiology*, v. 27, n. 2, p. 174-181, 2007.
- BALÉE, W.L.; MOORE, D. Similarity and variation in plant names in five Tupi-Guarani languages (Eastern Amazonia). *Bulletin of the Florida Museum of Natural History (USA)*, 1991.
- BUCHILLET, D. Contas de vidro, enfeites de branco e potes de malária: epidemiologia e representações de doenças infecciosas entre os Desafinado Alto Rio Negro. In: Albert B., Ramos A.R., (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista/Imprensa Oficial, 2002. p. 113-42.
- BUSTAMANTE, J. Fitonímia andalusí. Etimología e identificación de la especie? tramàlla. In: **Sacrum arabo-semiticum**: homenaje al profesor Federico Corriente en su 65 aniversario, 2005.p.137-156.
- BUSTAMANTE, J. La hierba de Santiago, *Jacobaea vulgaris* Gartn., en textos botánicos árabes andalusíes: Observaciones fitonímicas y etimológicas. *Revista de lexicografía*, v. 21, p. 7-16, 2015.
- CABALZAR, A. **Peixe e gente no Alto Rio Tiquié: conhecimentos tukano e tuyuka: ictiologia, etnologia**. Instituto Socioambiental, 2005.
- CAMARGO, M.T.L.A. Contribuição ao estudo etnobotânico de plantas do gênero *Erythrina* usadas em rituais de religiões afro-brasileiras. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 42, p. 179-189, 1997.
- CHIARADIA, C. **Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena**. Limiar, 2008.
- CONKLIN, H. C. Lexicographical treatment of folk taxonomies. *Readings in the Sociology of Language*, v. 1, p. 414-433, 1968.
- COSTA NETO, E.M. Semantic analysis of the common names ascribed to the *Passiflora* species (Passifloraceae) in the state of Bahia, Brazil. *Neotropical Biology and Conservation*, v. 3, n. 2, 2008, p. 86-94.
- CAVALCANTE, P. B.; FRIKEL, P. A farmacopéia Tiriyo estudo etnobotânico. *Inst. Nac.Pesq.Amaz.Publ. Avul*, n. 24, 1973.
- EBERHARD, D.M. Em defesa das línguas minoritárias do Brasil. *Associação Internacional*, 2013.
- ELLEN, R. **The cultural relations of classification: an analysis of Nuauulu animal categories from central Seram**. Cambridge University Press, 2000. 315p.
- ELORZA, M.S. Repertorio fitonímico de Castilla y León. *Fundación Joaquín Díaz*. 2013.
- FREIRE, J.R.B. **Da língua geral ao português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2003.
- FREITAS, A.A.;FREITAS, A. **Vocabulário dheengatú:(vernaculizado pelo português falado em São Paulo) (língua tupi-guarani)**. Companhia editora nacional, 1936.
- GRENAND, F.; FERREIRA, E.H. **Pequeno dicionário da língua geral**. Secretaria da Educação e Cultura, Coordenadoria de Assuntos Educacionais, Núcleo de Recursos Tecnológicos, 1989.
- GORENFLO, L. J.; ROMAINÉ, S., MITTMEIER, R. A.; WALKER-PAINEMILLA, K. Co-occurrence of linguistic and biological diversity in biodiversity hotspots and high biodiversity wilderness areas. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 109, n. 21, p. 8032-8037, 2012.
- HARTMANN, T. **A nomenclatura botânica dos Borôro: materiais para um ensaio etno-botânico**. Instituto de Estudos Brasileiros v.6, Universidade de São Paulo, 1967.
- HUNN, E. The utilitarian factor in folk biological classification. *American Anthropologist*, v. 84, n. 4, p. 830-847, 1982.
- BRASIL, I. B. G. E. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. **Censo demográfico**, v. 2010, 2010.
- ISA, 2020. **Histórico do contato: fim do séc. XIX até séc. XX**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/etnias-do-rio-negro/1530>. Acesso em: 20/02/2020.
- JAHN, S. A.A. How Plant Names Reveal Folk Botanical Classification, Trade, Traditional Uses and Routes of Dissemination (I). *Studia Asiatica. International Journal for Asian Studies*, n. 6, p. 81-126, 2005.
- KFFURI, C.W.; LOPES, M. A., MING, L. C., ODONNE, G., & KINUPP, V. F. Antimalarial plants used by indigenous people of the Upper Rio Negro in Amazonas, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*, 178, 188-198, 2016.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Pensamento Selvagem (o)**. 3. ed. Campinas –SP. Papyrus Editora, 1989.323p.
- LOIOLA, C.C.P.; SILVA, C. J.; TAUIL, P.L. Controle da malária no Brasil: 1956 a 2001. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 11, n. 4, p. 235-244, 2002.
- LORENZI, H.; MATOS, F.J.; **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2002.
- MARTÍNEZ, G. J.; CÚNEO, P. Las denominaciones vernáculas y el conocimiento toba del entorno vegetal. *Revista de dialectología y tradiciones populares*, v. 64, n. 2, p. 149-168, 2009.
- MESSINEO, C.; CÚNEO, P. Ethnobiological Classification in Two Indigenous Languages of the Gran Chaco Region: Toba (Guaycuruan) and Maká (Mataco-Mataguayan). *Anthropological Linguistics*, v. 53, n. 2, p. 132-169, 2011.

- MILICĂ, I. Plant names: a cognitive approach. In: Poliakov, V; Solovyev, V. **Cognitive Modeling in Linguistics**. Cambridge Scholar Publishing, 2012, v.1, p. 105-120. 2012.
- MOORE, D; GALUCIO, A.V.; GABAS JR, N. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. **Scientific American Brasil**, v. 3, p. 36-43, 2008.
- MYERS, N. The biodiversity challenge: expanded hot-spots analysis. **Environmentalist**, v. 10, n. 4, p. 243-256, 1990.
- NAVARRO, E.A. Curso de Língua Geral (Nheengatu ou Tupi Moderno). A língua das origens da civilização amazônica. **Paym Gráfica e Editora. São Paulo**, 2011.
- NAVARRO, E.A. O último refúgio da língua geral no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 76, p. 245-254, 2012.
- NAVARRO, E.A. **Dicionário tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil**. Global Ed., 2013.
- OLIVEIRA, A.A.; NELSON, B. Walker. Floristic relationships of terra firme forests in the Brazilian Amazon. **Forest Ecology and Management**, v. 146, n. 1, p. 169-179, 2001.
- PARI, F. H. Fitonímia de la selva de puno. **Escritura y Pensamiento**, v. 19, n. 38, p. 155-183.
- PORRAS, C.V. Fitonímia de La Braña. **Epos: Revista de filología**, n. 27, p. 413, 2011.
- RAMIREZ, H. Dicionário Baniwa Português. **Manaus: Ed. Universidade do Amazonas**, 2001.
- RIZZINI, C. T. 1979. **Tratado de fitogeografia do Brasil**. v.2. Aspectos ecológicos. Hucitec / Edusp, São Paulo.
- SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 5ed. São Paulo: Ed. Nacional Brasileira, 1987. V380. p. 153, 212.
- SIQUEIRA, B.V.L., SOARES, B.E., de OLIVEIRA, D.R., SAKURAGUI, C.M. The regionalization of medicalized vernacular names of medicinal plants in Brazil. **Scientometrics** v.110, p. 945-966, 2017.
- SIVEP. Malária Notificação de Casos. Disponível em: www.saude.gov.br/sivep_malaria. Acesso em 23/03/2014.
- SCARPA, G.F. Hacia una etnotaxonomía vegetal chorote II: Clasificación de las plantas entre las parcialidades iyojwá'ja y iyowújwa del Chaco argentino. MESSINEO, C., SCARPA, G.F., F. TOLA. **Léxico y categorización etnobiológica en grupos indígenas del Gran Chaco**, Universidad Nacional La Pampa, p. 157-198, 2010.
- SOMBROEK, W. Spatial and temporal patterns of Amazon rainfall: consequences for the planning of agricultural occupation and the protection of primary forests. **AMBIO: A Journal of the Human Environment**, v. 30, n. 7, p. 388-396, 2001.
- STRADELLI, E. Vocabulário da língua geral. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiros**, v. 104, 1929.
- STROPP, J. SLEEN, P. V. D., ASSUNÇÃO, P. A., SILVA, A. L. D; STEEGE, H. T. Tree communities of white-sand and terra-firme forests of the upper Rio Negro. **Acta Amazonica**, v. 41, n. 4, p. 521-544, 2011.
- SUÁREZ, M. E.; MONTANI, R.M. Vernacular knowledge of Bromeliaceae species among the Wichí people of the Gran Chaco, Argentina. **Journal of Ethnobiology**, v. 30, n. 2, p. 265-288, 2010.
- SHEPARD JR, G. H.; RAMIREZ, H. "Made in Brazil": Human Dispersal of the Brazil nut (*Bertholletia excelsa*, Lecythidaceae) in Ancient Amazonia. **Economic Botany**, v. 65, n. 1, p. 44-65, 2011.
- TRABANCO, P.J.L. Estudio lingüístico de la fitonímia vulgar de las orquídeas en Cuba. **Revista de dialectología y tradiciones populares**, v. 67, n. 2, p. 515-534, 2012.
- XIRAU, J. V. Los nombres populares de las plantas: método y objetivo en etnobotánica. **Monografías Del Jardín Botánico de Córdoba**, n. 3, p. 7-14, 1996.